



CASAS DO SUL



CASAS DO SUL





FOTOGRAFIAS Santiago Macias

DESENHOS Manuel Passinhas

TEXTO Miguel Rego

DESIGN GRÁFICO TVM Designers

TRADUÇÃO Badr Hassanein

PRÉ-IMPRESSÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO Gráfica Maiadouro

EDIÇÃO Câmara Municipal de Mértola, Mértola, 2013

TIRAGEM 1000 exemplares

ISBN 978-989-8640-01-7

DEPÓSITO LEGAL 359 100/13



*É com muito apreço* que acrescento algumas palavras a esta ousada e importante obra.

Nela juntam-se três perspetivas de viajantes que, há muito, se tornaram filhos da terra.

Três olhares que se unem complementando-se, permitindo que o todo seja maior do que a soma das partes.

São imagens de geografias humanas ao Sul, o Sul mediterrânico.

Por isso seria difícil encontrar uma combinação mais propícia entre o local e a ocasião para a apresentação pública do que a vila de Mértola no seu Festival Islâmico que celebra a sua herança multicultural.

SANDRA GONÇALVES  
*Câmara Municipal de Mértola*



مَارْتَلَة، البرتغال | MÉRTOLA, PORTUGAL



*Mértola é o reencontro* de três olhares companheiros de sempre. Neste porto de culturas antigas, de gentes sem fim e de todas as paragens, neste recanto de mar abrigado terra dentro, nesta vila de Mértola de uma memória insondável de gentes do Sudoeste, aqui voltam a encontrar-se trazendo a «casa» como pretexto. Com o propósito simples de fazer desta pequena edição a forma de mostrar, distintamente, o seu olhar em torno da terra que os acolheu e a quem deram o prometido, porque devido. Santiago Macias, nasceu em Moura. Transporta para a fotografia o reencontro da vila-museu com aquele Mediterrâneo que a viu nascer e a que pertence; com fotogramas de viagens realizadas nos últimos cinco anos e que têm a cultura mediterrânica, ou o que dela ressurgiu noutras paragens que (des) conhecemos, como pano de fundo. Manuel Passinhas, homem de Beja, recria o seu olhar sobre a casa, a casa-arqueológica, a casa-monte abandonado, a casa-ponte, a casa-ponto de encontro entre as pessoas, a casa-muro de pedra, taipa, adobe, sùmula de gestos e fazeres de um Sul branco, um Sul cal, um Sul imensidão. Miguel Rego, de Lisboa recolhido, procura nos textos trazer os sons, os cheiros, a bruma de episódios em torno da casa, da vila, do mar, do tempo que é todos os tempos. Este é apenas um encontro e três formas distintas de o comemorar. Conheceram-se há exatamente trinta anos.

*hoje posso escrever o teu nome* envolvido neste branco de linhos antigos. posso soletrar letra a letra o teu nome sob o teto de caniços secos que protege os nossos corpos infantis, agarrados que estão à memória, como musgos às pedras. nas pétalas cor de açafreão das amendoeiras, que descem a barreira de encontro ao rio, derrega-se sob o solo pedregoso o odor suave da manhã. e é aqui que escrevo o teu nome. entre estevas e pequenos lírios brancos, na colina fértil de verdes e amarelos e roxos e incandescentes margaridas, bebo a última taça de malvasia trazida por pescadores e marinheiros sem nome, vindos dos mares gregos ou de uma qualquer ilha africana

adormecida. aportam aqui. aportam em ti. aportam onde as tuas casas são como âncoras invisíveis de barcos pintados com cores garridas em busca de um mar de coral; aportam como no mais inesperado oásis onde correm fontes de água fresca, perfumadas como os lábios das mulheres do sul. venho à procura da tua sombra do outro lado deste rio, feito mar, nos anos em que incessantemente as noites se colam aos dias. é nesses dias que reconheço o teu nome e transcrevo da memória das tuas pedras os passos apressados do homem. sinos, torres, faróis, são as palmas abertas das tuas mãos onde digito o teu nome. não são apenas letras sibílicas. são o teu nome.

اليوم أستطيع أن أكتب اسمك المحاط بهذا اللون الأبيض من ألياف الكتان القديم، يمكنني أن أنطق اسمك حرفاً حرفاً تحت سقف الخيزران الجاف الذي يحمي أجسامنا الطفولية، الملتصقة بالذاكرة كالتصاق الطحالب بالحجارة. في بثلات أشجار اللوز ذات اللون الزعفراني، التي تهبط من الحاجز لتلتقي بالنهر، نُحطُّ طرقاتٌ جديدة تحت الأرض الصخرية ورائحة الصباح الشذية. هنا أكتب اسمك بين القرية العنبرية والزنيق الصغير الأبيض، في التل الخصيب بلونه الأصفر والأخضر والأرجواني وأزهار اللؤلؤية المتوهجة، أحتسي الكأس الأخيرة من نبيذ "مالغازتا" الذي أحضره صيادون وبحارة مجهولي الاسم، وقد جاءوا من البحار الإغريقية أو من جزيرة ما نائمة في إفريقيا. يرسون هنا، يرسون فيك، يرسون حيث بيوتك كالمرساة غير المرئية لسفن مزركشة بألوان زاهية تبحث عن بحر من المرجان، يرسون كما في واحة غير متوقعة تجري فيها ينابيع المياه الباردة والمعطرة كشفاه نساء الجنوب. جنثٌ باحث عن ظلك من الضفة الأخرى لهذا النهر، الذي جعلوه بحراً، في السنوات التي يلتصق فيها الليل بالنهار بلا توقف. في هذه الأيام أعرف اسمك وأنقل من ذاكرة أحجارك خطوات الإنسان المهرولة. أجراس وأبراج وفنارات هي كفتاً بيدك المفتوحتين، فيهما أكتب اسمك. ليست مجرد حروف مبهمه، بل هي حروف اسمك.



MÉRTOLA, PORTUGAL | مارتلة، البرتغال





*subo à as-sothaiã ainda a manhã dorme*  
embalada pelo sussurrar das ondas. há um  
enevoado desconhecido que se enrola entre  
o espelho do mar e o voo dos pássaros errantes  
que começam agora a procurar o seu rumo na  
manhã que anunciam. regressam ao arrife sem se  
saber de onde vêm. ali, subtilmente varrido pelos  
troncos retorcidos e esguios de um freixo, a velha  
ruína, talvez o que resta de um minarete, recebe em  
frenética debandada os gritos infinitos que povoam  
agora os ares incandescentes. os carapeteiros e os  
silvados vizinhos, onde pássaros escarlates põem  
os ovos, emanam o cheiro das salinas do mar. um  
eco agudo traz-me a manhã quase imóvel enquanto  
na minha açoteia, mirante e atalaia de mim, viro os  
figos lampos, um a um, penduro as uvas passas num  
tapete de esparto e recolho do último favo um pingo  
de mel que coloco sobre um pedaço de pão ázimo.

como numa torre sineira, ou no mais alto vozeir  
de um minarete, respiro um eco agudo, talvez uma  
oração, fosse eu crente, e respiro-o vezes sem conta  
sorvendo um transpirar fresco de malvasia e tília.  
tolhem-me as mãos ainda preguiçosas, mortas de  
sede, quando retiro a sombra do gato da cesta de  
vime mergulhada em romãs, marmelos e braçadas  
de poejos. olho para lá de todos os mares como  
se o tanger de cordas de alaúde pudesse trazer  
o último príncipe mouro de um qualquer reino  
taifa, decapitado que foi pelo ciúme. é de bunho  
a cadeira onde me embalo e recebo a manhã para  
lá da penedia que descansa na beira do mar. espuma  
e cristais de maresia batem cadenciados na areia.  
além do mar. outra vez aquele mar que me trará  
um príncipe poeta com o seu eterno «colar da  
pomba». tanta é a memória deste mar, sem ser mar.  
tanta é a memória de qualquer mar...

أصعدُ إلى السطحية وما زال الصباح نائماً يُهزّزه همسُ الأمواج. سحابةٌ مجهولةٌ تتدحرج بين مرآة البحر وتحليق الطيور الشاردة التي تشرع الآن في البحث عن مقصدها في الصباح الذي تُعلن مقدمه. ترجع إلى الرصيف دون أن تعرف من أين أتت، هناك تجاح الرصيف برفق جذوع شجر المُران الملطوية والطويلة، هناك الأطلال القديمة التي ربما هي كل ما تبقى من مئذنة. يستقبل الرصيف في ضجيج مسعور الصرخات اللانهائية التي تسكن الآن الأجواء المتوجهة. أشجار الكمثرى البرية والغليق الشجيري المجاور تضع فيها طيور قرمزية بيضها، تفوح رائحة ملاحات البحر. صدى حاد يجلب لي الصباح جامداً لا حراك فيه تقريباً، وأنا في سطحي النائمة والحارسة لي ألقبُ ثمرات التين ثمرةً ثمرةً، أُعلّقُ العنب في سجادة من الحلفاء، وأجمعُ من آخر عقود نقطة غسل أضعها فوق كسرة خبز غير مُخْمَر. كما هو الحال في برج ذي جرس أو في أعلى مكانٍ في مئذنةٍ فياني أنفَس صدى حاداً، ربما هي صلاة، لو كنتُ مؤمناً، أنتفسه مرات لا حصر لها، وأرتشف عرقاً بارداً من البييد والزبفون. تُعيقني يداي اللتين ما زالتا كسولتين والمتعششتين بشدة، عندما أسحب ظل القط من سلة الصفصاف المغمورة في الرمان والسفرجل والتناع البري المتشابك الغصون. أنظرُ إلى هناك، إلى ما وراء كل الحجار وكأن العزف على أوتار العود قادر أن يستحضر آخر أمير مسلم من مملكة ما من ممالك الطوائف، وقد أطاحت الغيرة بعنقه. المقعد الذي أهزّ نفسي فيه من الدليس، وإنني أستقبل الصباح فيما وراء الصخور الهائلة المسترخية على شاطئ البحر. يرتضم الزيد ويلور الأمواج بالرمال في إيقاع منتظم. مرة أخرى ذلك البحر الذي سيحضرُ لي أميراً شاعراً مع "طوق الحمامة" الخالد. كثيرةٌ هي ذكريات هذا البحر، كثيرةٌ هي ذكريات أي بحر...

*os homens achegam-se no largo* ao encontro das vozes dos mais velhos. é ali que desde cedo constroem os seus passos. começam por ouvir histórias de príncipes vestidos de sedas e linhos brancos cavalgando em corcéis cor siena, levando cinturões de couro debruados a ouro, onde penduram cimitarras com punhos cravados a pedras lazúli. depois sentem a maresia das palavras que recontam sobre marinheiros d'antanho que levaram sonhos e trouxeram incertezas de mares infinitos. palavras vagarosas onde mulheres pele cor de cobre incendeiam com os sorrisos do estômago dos embarcados cheios de escorbuto que as olhavam escondendo entre as mãos as gengivas purulentas. os homens juntam-se assim à volta do definir do tempo construindo ali a memória de todos os largos. é um momento de gestos, de olhares, de pasmos de encantamento. é o homem passando para cada um

de si o que reaprendeu no largo, naquele largo, em qualquer largo onde os homens se sentam de encontro ao dizer dos velhos, conhecendo marinheiros naufragados, ouvindo guerreiros assustados, conhecendo testemunhos dos olhares trazidos desde a manhã dos dias. a tarde vai encontrá-los descansando os maços da taipa, os taipais encostados à terra crua e virgem que amanhã será parede, empena, beiral. a tarde vai encontrá-los a olhar a casa que é também largo, mãos embebidas na terra, água, sol que seca o adobe, que faz a taipa, que faz o largo, rasgando sulcos fundos nas faces carcomidas pelo tempo dos homens que recontam o tempo. os homens achegam-se no largo à volta do seu falar pausado. bebem almece, trocam cigarros enrolados de folhas de papel de arroz. os homens são como tabiques neste largo na ausência das paredes, da terra. na ausência do próprio largo.

يقترِب الرجال من بعضهم البعض في الساحة وهم يصغون إلى صوت الأكبر سناً بينهم، هناك مكبراً يبدوون في تشكيل خطواتهم. يشعرون في سماع حكايات أمراء يرتدون ثياباً من الحرير والكتان الأبيض. يمتطون ظهور خيل بُنَّية اللون، ويمتنقون بأحزمة مطعمة بهُدب من الذهب، تتدلى منها سيوف بمقابض بها أحجار لازوردية. وبعد ذلك يشتمون رائحة الكلمات التي يُفصَّونها حول بحارة من الزمن الماضي حملوا معهم أحلاماً وعباداً بشكوك من بحار لا تنتهي. كلمات حثيثة تحدث عن نساء ذوات بشرة نحاسية يلهين بابتسامتهن بطون المسافرين الممتلئة بالاستقربوط وهم ينظرون السهين ويفخون بأيدهم اللغات العفنة. يلتفت الرجال هكذا حول اهدار الزمن ويخلقون هناك ذكريات جميع الساحات. إنها لحظات الحركات والنظرات والاندھاش المھمر. كل رجل منهم يحكي ما تعلَّمه من جديد منهم في الساحة، في تلك الساحة، في أي ساحة يجلس فيها الرجال، يصغون لما يقوله المسنون منهم، يعرفون بحارة غرقى، يسمعون أصوات محارِبين مذعورين، يتعرفون على نظرات شاهدة أحضرت منذ صباح الأيام. ثم يلتقي بهم المساء ليربخ قطع الطوب اللين، وقوالب تشكيله وهي متكنة على الطين الذي سيتحول غداً إلى جدارٍ وطُنْف. سيحل بهم المساء وهم ينظرون إلى البيت / الساحة، وأياً متشربة بالأرض والماء والشمس التي تجفف الطوب وتقيم الجدار وتصنع الساحة وتمزِّق الأخاديد العميقة في الوجوه التي نخرها سوس زمن الرجال. الرجال الذين ما انفكوا يعيدون رواية الزمن. يقترِب الرجال من بعضهم البعض في الساحة ملتفتين حول حديتهم البطيء، يحسسون مصال اللين ويتبادلون السجائر الملفوفة في ورق الأرز. في هذه الساحة، الرجال كالحواجز الهشة في غياب الجدران، كالأرض في غياب الساحة ذاتها.

*o tempo é prisioneiro do relógio da torre.*  
pode o rio correr enraivecido até ao mar, mas dele não se ouvirá qualquer estridor que não seja o da imobilidade da torre do relógio onde o tempo é prisioneiro do marcador do seu próprio tempo. as andorinhas irrequietas, incansáveis, agitadas pela urgência da dimensão do tempo imutável, carregam a lama húmida para o ninho como se em taipa e adobe o fizessem. asas agitadas pelo tempo que se devora a cada instante. a cada movimento desse mergulho sobre a lama que se deposita aos pés da torre no vai e vem da maré, não se ouve qualquer rumor do funcionamento de rodas dentadas de relógio, de clepsidra, de ferro de relógio de sol. do relógio da torre, grilhetas, algemas, de um tempo prisioneiro e imutável, que não para nem nada o detém. a maré respira devagar e devagar

invade cada instante das margens. numa cadência adormecida que se repete a cada momento, a cada instante, a cada segundo, a cada minuto, a cada hora, sem que seja necessário marcar qualquer tempo. mas na imobilidade do relógio da torre, o tempo vive agriçado pelo compasso do inevitável instante de si próprio. o relógio parado na torre desde o primeiro minuto em que ali foi colocado é impotente para parar o tempo. para parar a maré, para iludir o tempo do seu tempo. sente-o prisioneiro porque não o marca, porque é mais certa a chegada da cegonha, o mergulho do guarda-rios, a subida do muge mas é para o relógio da torre que olhamos, incessantemente, à procura do deslizar dos ponteiros. mas apenas adormecemos um pouco mais no seu silêncio, na pacatez do cantar do rouxinol no canalial do tamujo.

الزمن حبس ساعة البرج. يمكن للنهر أن يجري غاضبا صوب البحر، لكنه لن يسمع منه أي ضجيج غير صوت سكون برج الساعة، فيها الزمن أسير مؤثر زمنه. طيور السنونو القلقة، التي لا تكلم، الثائرة من جراء حجم الزمن السومدي، تحمل الطين الرطب إلى العش وكأنها تشيده بالقد والطوب. أجنحة يحركها الزمن الذي تلتهمه في كل لحظة، في كل حركة من هذا الغوص حول الطين الذي يُودع بجانب البرج. في كل ذهاب وإياب للمد والجزر لا تُسمع أي همهمة لعمل تروس الساعة المسننة أو الساعة المائية أو حديد ساعة الشمس. أي همهمة لساعة البرج. السجن، الأصفاد، الزمن حبس لا يتغير، لا يتوقف أو لا شيء يوقفه. بنفس المد والجزر بهوادة، وبنفس الهوادة يعزوا كل لحظة من لحظات الشاطئ، في تتابع ناعس يتكرر في كل لحظة، في كل برهة، في كل ثانية، في كل دقيقة، في كل ساعة دونما حاجة لتحديد أي زمن. في سكون ساعة البرج يعيش الزمن مقيدا بأصفاة مؤشر اللحظة الحتمية للزمن ذاته. الساعة المتوقفة. منذ وُضعت هناك. عاجزة عن وقف حركة الزمن، عن وقف المد والجزر، عن خداع الزمن لزمه. يشعر به حبسا لأنه لا يحدده، لأن وصول طائر اللقلاق وغوص طائر القاوند وصعود سمك البوري أكثر يقينا... لكننا ننظر إلى ساعة البرج، ونبحث بلا توقف عن حركة عقاربها، وجل ما نستطيعه هو أننا نغفو قليلا في صمتها، في صفاء شدو العنديل في مزارع قصب التاموجو.

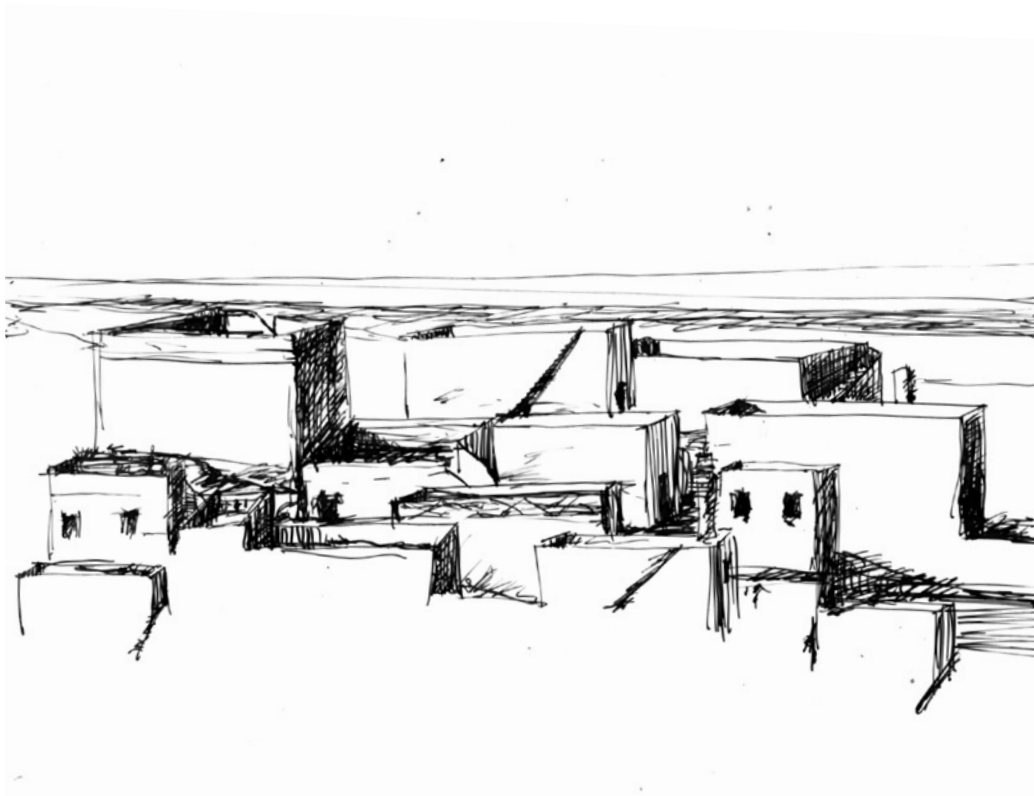




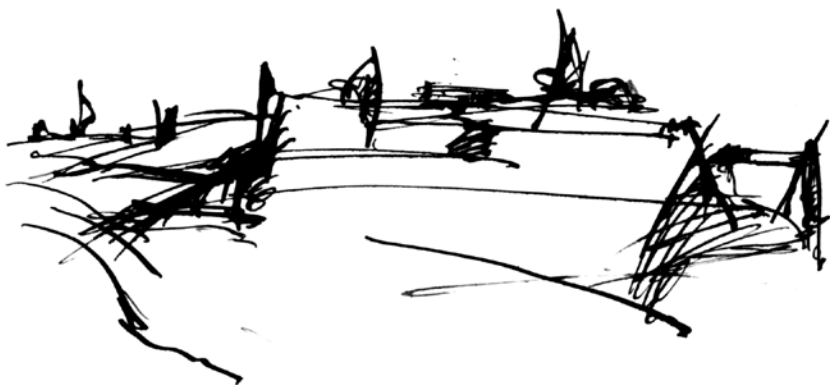
*a casa onde moro é a atalaia em que respiro,*  
a brisa serena onde se esbate a tarde soalheira,  
o reflexo do debruçar sobre os meus passos. persiste  
no branco contra cal, no granito, na taipa, na lousa,  
na telha, no fazer d'antanho. os muros de terra  
batida contraem a planura, mas elevam as colinas  
meãs onde a casa alva e altiva mostra o cata-vento,  
transformado em caravela, galo, pássaro fantástico  
ou dragão de asas abertas, entoando a direção do  
levante. no pátio a luz adormecida do sol esbate-se  
nos panos crus e espera a noite que se aproxima  
lânguida. espera agora a manhã. a brisa fresca  
trazida pela lua crescente entoa a partir daqui por  
toda a casa. entra no salão, na alcova, ultrapaissa  
o vão da entrada e asperge um odor de jasmim, tília,  
amendoeira, nos arcos que assentam sobre o mainel.

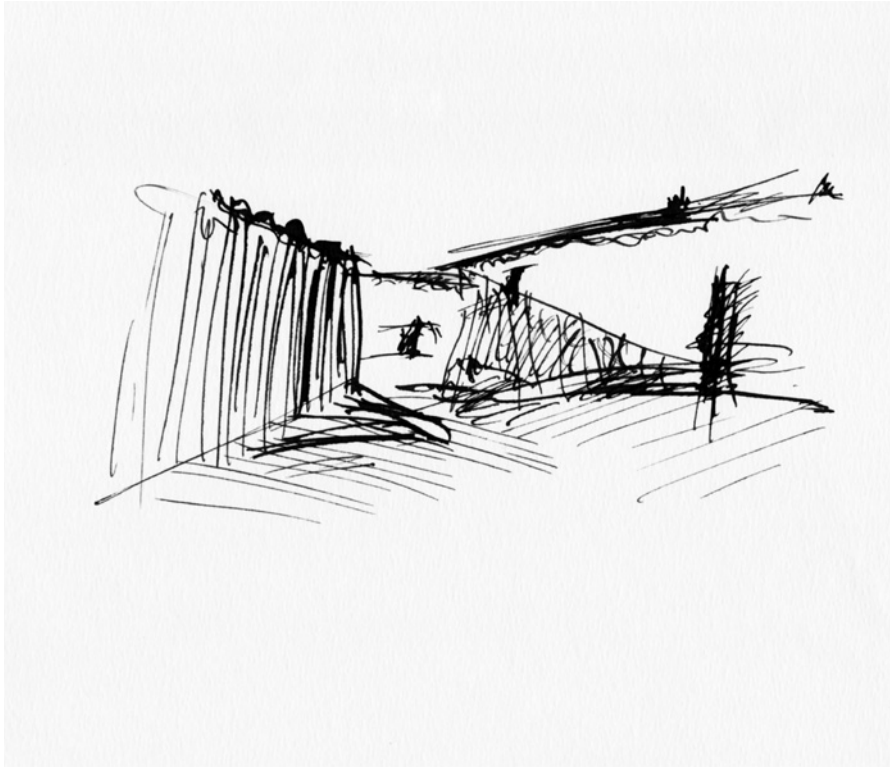
daqui a pouco são os pássaros que regressam.  
zorrais, melros, os guarda-rios e os mergulhões  
invadem as águas onde os barcos estão parados.  
olho a cidade a partir do suave correr do rio e deixo  
que me chegue o vozear dos pescadores entregues  
aos dados, ao gamão, ao alguegue, esperando o  
regresso da maré. as pedras estão gastas deste olhar,  
de todos os olhares deixados na dor da partida. nos  
gestos incessantes de mudar pedra, de lançar dado.  
no silêncio que invade as mãos antes do almuadem  
chamar para a primeira oração. no vozear metálico  
do sino subindo a ladeira com os últimos passos  
de quem agora regressa e fica eternamente agarrado  
à terra. a casa onde moro é a atalaia que respiro.  
mesmo na distância da partida. mesmo na distância  
da despedida. mesmo na ausência da chegada.

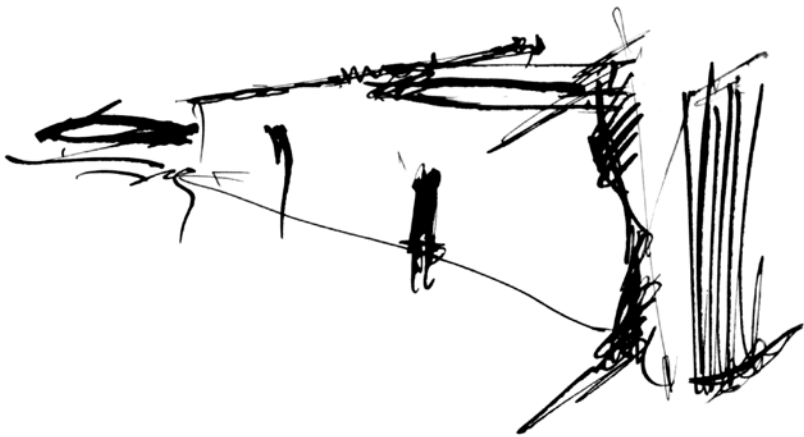
البيت الذي أسكنه هو المَرْقَب الذي أتَنَسَف فيه. النَسْمَة الهادئة التي تخفّف من حرارة الأصيل، الانكفاء المنحني على  
خطواتي. بيتٌ مستمر في اللون الأبيض، في الجرانيت، في التربة المدكوكة، في الأُذْوَاز، في الأجرّة، في عمل الماضي.  
جدران الطين اللين تُقلِّص السهل لكنها ترفع التلال الوسطية حيث يُظهر البيت الأبيض الشامخ ربّاه الذي يُرْتَم في اتجاه  
المشرق، الرِيّاح الذي إلى مركب وديك وطائر ساحر أو تنين بأجنحة مفتوحة. في البهو يلتقي ضوء الشمس الناعس بالمفارش  
الخشنة وينظر الليل الذي يقترب في بطاء. ينتظر الآن الصباح. النَسْمَة المنعشة التي جلبها الضوء المتنامي تنطلق من هنا إلى  
أرجاء البيت المختلفة. تدخل غرفة الاستقبال وغرفة النوم الصغيرة وتتخطى الفراغ الكائن عند المدخل وتشر رائحة الياسمين  
والزيتون وشجرة اللوز، والصناديق الموضوعة فوق العماد. بعد قليل تعود الطيور. طيور الزرور والشحورور والقوائد والغطاس،  
تغزو المياه الراقية عليها المراكب. أنظرُ إلى المدينة منطلقاً من جريان النهر الهادئ، وأترك نفسي لأصوات الصيادين المرتفعة  
وهم منهمكون في لعب الترد والسيجة في انتظار عودة المد والجزر. بَلَيْتُ الأحجاز من هذه النظرة، من كل النظرات المتروكة  
من ألم الفراق، في الحركات المستمرة لتبديل الحجارة ورمي الزهر، في الصمت الذي يغزو الأيادي قبل أن ينادي المؤذن إلى  
الصلاة الأولى. في صوت الجرس المعدني المرتفع وهو يصعد الطريق المتلوية مع الخطوات الأخيرة لمن يرجع الآن، وبظل إلى  
الأيد ممسكا بالأرض. البيت الذي أسكنه هو المَرْقَب الذي أتَنَسَفه، حتى في بُعاد الرجيل، حتى في بُعاد الوداع، حتى في  
غياب الوصول.







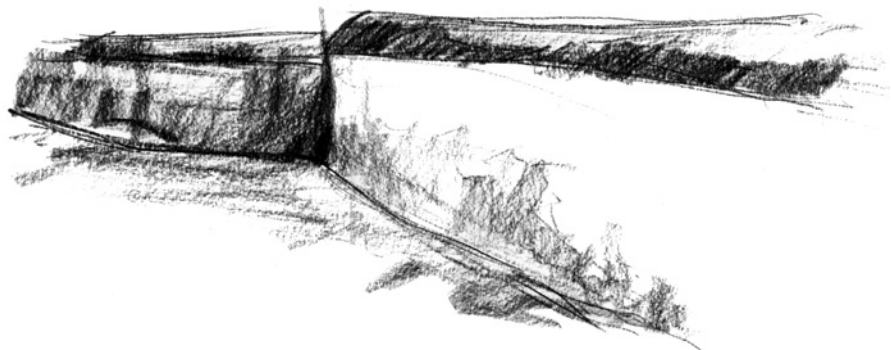


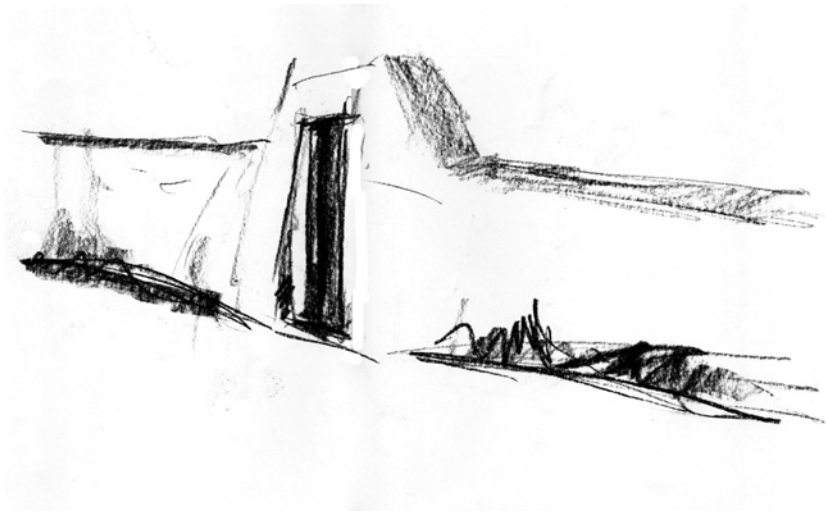


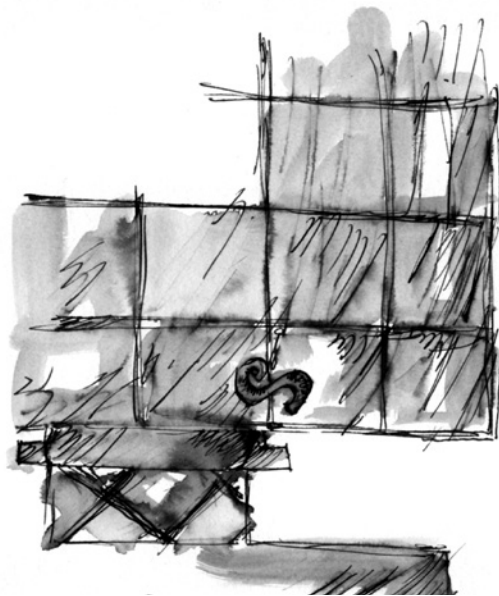


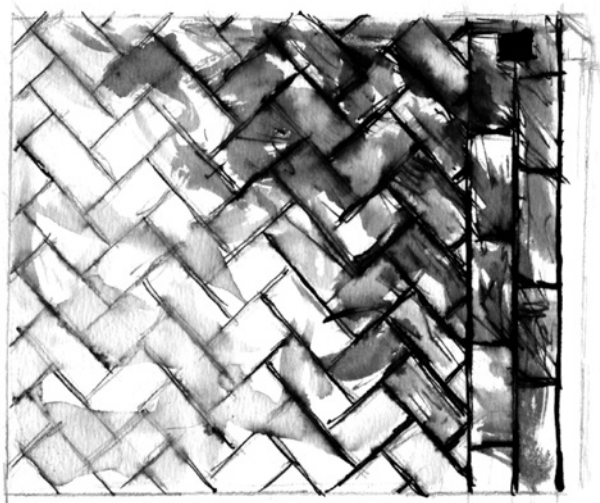












*na casa, no pátio, a roca e o fuso*, o correr do fio de lâ, do fio de lá, do fio que de dentro da casa, traz as vozes silenciosas das mulheres, três idades, tempos diferentes de ver, de mostrar, maneiras distintas de pôr o lenço, o chapéu gasto, o preto, os cabelos brancos, grisalhos, negros de carvão. insistentemente no tear, o bater compassado das premeleiras e dos órgãos, do correr suave das lançadeiras, pau de oliveira, branco, correndo de mão para mão, levando o fio, enchendo a teia, marcando o fado. *era de noite mal se via na minha aldeia tudo dormia, só eu cantava, a dobadoira tudo dobava.* viagem de vai e vem criando o padrão da manta, o alforge do pão ainda quente, do saco de estopa, da meia de linha. ao lado o fogo crepita manso com os poucos alimentos que trarão os

homens à casa, a casa à casa. é de branco o linho, o pano cru, a primeira noite do adolescente, a margem entre a manhã e o acordar da tarde. são brancos e incontáveis os gestos do fiar no dentro da casa. ontem, a noite, trouxe o vozear do homem com as cardas, o chilrear da dobadoira com os seus quatro braços em cruz, enrolando o fio. hoje ouvi-se um vozear triste, amansado pelo coro de vozes que se remansam neste espaço. nesta casa. fala-se de partidas, de mares e barcos e rios e alvoçoço de cabelos desgrenhados fugindo dos ventos; de rochedos lançados ao molhe, barreira do mar. a roca, a roda caneleira, a roda de fiar, o frágil mas intenso creptar dum tempo que vem dos primeiros olhares do homem para a mulher, do afagar de uns cabelos de ouro.

في البيت، في البهو، الأجرّة والمغزل، وجريان خيط الصوف، خيط الصوف، الخيط الذي يجلب من داخل البيت أصوات النساء الصامتة، ثلاثة أعمارٍ، أزمنة مختلفة لرؤية الأشياء، وإبداء طرق متباينة في وضع الوشاح والقبعة البالية، اللون الأسود، الشعر الأبيض، اللون الأشيب والأسود الفاحم دائما في التّؤل، الطّزق المتتابع على دواسات التّؤل ومعداته، الجري الرقيق للمكوك، قطعة من خشب الزيتون، بيضاء اللون تطلق من يد إلى أخرى وتملأ النسيج وتحدّد المصير. كان الجو ليلاً ولا شيء يُرى في قريتي، الكل نائم، أنا فقط الذي كنتُ أغني *المغزل يغزل كل شيء...* "رحلة مكوكية تُنسى نَسَق البطانية وخرُج الخبز الذي ما زال ساخنًا وكيس الكنان والجوارب. إلى الجانب، تطلقُ النار هادئةً بالقليل من الطعام الذي سيحضره الرجال إلى البيت، البيت للبيت. أبيض هو الكنان، غطاء المائدة الخشن، ليلَةُ المراهق الأولى، الهامش بين الصباح واستيقاظ المساء. بيضاء هي حركات الغزل داخل البيت ولا حصر لها. أحضرَ المساءُ أمس صحبَ الرجل مع الممشطات، زرققة المغزل بأذرعهِ الأربعة المعقوفة وهو يلفُ الخيط. اليوم يُسمع صحبَ حزين، قد خَفَفَتْ من حدته جوقة الأصوات التي تهدأ في هذا المكان. في هذا البيت. يدور الحديث حول الرحيل والحجار والسفن والأنهار واهتياج الشعر الأشعث الهارب من الرياح، والصخور الملقاة في المصد، حاجز البحر. الأجرّة، العجلة اللّغافة، بكرة الغزل، الطقطقة الواهنة والكثيفة لزمنٍ يعود إلى نظرات الرجل الأولى إلى المرأة، ومداعة الشّعر الذهبي.



a casa. os muros brancos acordando para o interior da parede carmim que a porta beije encerra. para a porta de castanho que roda eterna sobre um gonzo feito da ferradura gasta de um velho asinino. a casa. o meu olhar desejando rasgar os muros altos, alvos, que podiam ser azul, verde seco. que podiam ser o mosaico infinito de padrões de zellij que encham as paredes do salão, onde apenas se reconhecem os gestos compassados dos homens fumando *shisha* ao fim da tarde. a casa. paredes levantadas de terra crua protegendo o pátio iluminado, o *riad* exuberante de trepadeiras, flor de laranjeira e toranjas. a casa. o espaço do encontro antes do *souk*, no crescer da medina que labiríntica se eterniza porta após porta, lintel sobre lintel, telha após telha, num molhe intrincado de silêncios. a casa. o que resta de um tempo suave como pele de pêssego, aroma de amêndoas doces, odor

de limoeiro, fragância de menta e manjerição, da infância adiada e do correr descalço levando o aro com um pau de loendro. a casa. tijoleiras vermelhas de terra cozida amaciando o verão febril, telha de meia cana digitada por canais serpenteados, algibe resgatando o resto de um janeiro febril. a casa. a mulher, a *abaia* e o seu silêncio, o rasgar esfomeado do rapaz nas vielas labirínticas, intermináveis, imoveis, imutáveis, do bairro. as mãos de arabescos de *henna* da jovem de olhos negros, como se fosse um profundo deserto prostrado para lá do Atlas, para lá de nós, para lá das ultimas tamareiras. a casa é esta geografia de todos os sentidos. o oásis para a sede, prata, âmbar, coral, rosa de areia, porto de aтраque, cáfila suportando o levante. a casa é o cope de chá com um leve sabor a carvão, o cheiro a lavanda, a rosmaninho, a óleo de esteva. a casa. esta casa.

البيت. الأسوار البيضاء المضيئة بداخل الجدار ذي اللون الأحمر المشرق المحيط بالباب، والباب الكستنائي الذي يدور بشكل سرمدى حول مُفَصَّلة مصنوعة من حجارة بالية لعمار هرم. البيت. نظرتي المخترقة للأسوار العالية البيضاء التي كان يمكن أن تكون بلون أزرق أو أخضر حاف، كما كان يمكنها أن تكون فسيفاً لانتهائية لأشكال الزُّيَّج التي تملأ جدران غرفة الاستقبال، التي لا تعرف سوى حركات الرجال الدقيقة والمتعاقبة وهم يدخون "الشيشة" في آخر النهار. البيت جدران منتصبة من الطوب اللبن، تحمي البهو المضيء. الرياض الفياض بناتاته المتسلقة والمعتزشة، زهرة شجرة البرتقال وليمون الجنة. البيت مكان اللقاء قبل السوق في نمو المدينة بداهليزها التي تزداد رسوخاً بابا بعد باب، ساكفاً بعد ساكف، آخِرة بعد آخِرة، في جسر متشابك من الصمت. البيت. ما تبقى من زمن رفيع كقشيرة ثمرة الخوخ، بنكهة اللوز الحلو، رائحة شجرة الليمون وشذى العناب والريحان، من زمن الطفولة المؤجلة والجري حافي القدمين دافعا الإطار بعضا الدفلي. البيت. قطع الطوب الأحمر التي تلتطف الصيف الملتهب، آخِرة ذات نصف قصبة تخطها قنوات ملتبسة، الحبُّ جامعا ما تبقى من يناير الحُمَيّ. البيت. المرأة، العبادة وصمتها، سير الفتى النهم في أزقة الحي اللانهائية، الجامدة التي لا تتغير. البدان المخضبتان بالحناء للشابة ذات العينين السوداوين كأنهما صحراء شاسعة جاسية فيما وراء الأطلسي، فيما وراءنا نحن، فيما وراء أشجار النخيل الأخيرة. البيت. جغرافيا كل هذه الأحاسيس. الواحة للعطشى، الفضة، العنبر، المرجان، وردة الرمل، مرسى السفن، قافة تحمل الشرق. البيت. كروب الشاي به قليل من رائحة الفحم، شذى الخزامى، إكليل الجبل، زيت القريضة العنبرية. البيت. هذا البيت.



no serro onde agora estão ausentes cavaleiros de alfange empunhado, nascem orégãos, calafito, lírios, e as margaridas revestem pequenos recantos das ruas empedradas como tragos acres de medronho. no serro onde o velho castelo descansa saram agora as feridas das batalhas que viveu, transpiram os trotes intermináveis de corcéis a irromper por dentro das muralhas, dos muros de cal, das paredes de pedra solta, levando no vento a espuma da boca ofegante e da crina solta desenhando arabescos em nuvens adormecidas. branco, sombra. branco. projeção da sombra contra a parede numa silhueta devorada pela cal incandescente do pino da tarde. os olhos sentados num poial frágil como uma rosa do deserto, repetem-se eternos no labiríntico das ruas recortadas por muros de pedra, e taipa, e branco, esperando a lua de março, que dará à tez morena, imersa no *hijab*, o primeiro gesto de quem se despe temerosa, entre a alcova e o salão de mantas ocres

e anil, e que sentirá morrer o desejo de ver a noite chegar. branco, sombra, silhueta, olhar semicerrado do medo da noite incandescente, encostada contra a velha muralha de xisto e cal e areia cheirando a lodo. como bandeiras os panos verdes, vermelhos, azuis, castanhos, brancos, que hoje enchem as ruas assentam nos braços estreitos dos aloendros. em pedaços de azinho, de eucalipto, de pinho, e cobrem as bancadas onde as almotolias guardam um fio de azeite e o pão pita feito pela manhã. contornos de mulheres deslizam suavemente para o *hammam* perfumado por água de rosas, sabão negro, óleo de argão. mas tudo é ilusão. onde hoje a calçada descansa há alguém que pinta traços de *henna* sobre umas mãos translúcidas que não conhecem os traços de anil das mulheres berberes que aqui estiveram. que aqui regressam nesta ilusão de tempo e odores e linhas alcantiladas reinventando tudo menos o suave florescer das pétalas da amendoeira.

في الثَّلَّة التي لم يعد يوجد بها فرسان ممسكون بسيفهم، ينمو الأوريغانو والزنبق وتكسو زهرة الربيع أركاننا صغيرة من الشوارع المحتوية على الحجارة كزُشفاتٍ لأذعة من ثمرة القلطب. في الثَّلَّة التي تستريح فيها القلعة القديمة تُضَمُّ الآن جراح المعارك التي شهدتها، تفيض هرولة الخيول المتتابعة، المنطلقة إلى داخل الأسوار وجدران الكلس وحوائط الأحجار المنفردة وهي تحمل مع الريح زَيْد القم اللاهث والسَيْب المنطلق راسماً زخرفة عربية في سحبٍ ناعسة. أبيضٌ، ظلٌّ، أبيضٌ. إسقاط الظل على الحائط في صورة ظليَّة ياتهما الكلس المتوهج في أوج فترة الأصيل. العيون، الجالسة كوردة من الصحراء على مقعد حجري واهن، تتكرر بشكل أبدي في مناهات الشوارع التي تقطعها جدران الحجر والكلس واللون الأبيض وهي تنتظر قمر مارس الذي سيمتخ البشرة السمراء الغارقة في الحجاب أول حركة لمن تخلع بوجل ملابسها بين غرفة النوم الصغيرة وغرفة الاستقبال بقطع سجادهها ذوي اللونين الصلصالي والأزرق والتي تستشعر بواد الرغبة في رؤية وصول الليل. أبيضٌ، ظلٌّ. صورة ظليَّة. نظرة بعيون نصف مغمضة خشية الليل المتوهج، متكئة على سور من الصخر والكلس ورميل برائحة الوحل. مثل الأعلام فإن قطع القماش الخضراء والحمراء والأزرق والكستانية والبيضاء التي تملأ الشوارع اليوم بين أذرع الدفلي في غصون من السديان الأخضر والكافور والصنوبر، وتغطي المقاعد حيث تحتفظ القناني بقليل من الزيت والخبر العربي المعد في الصباح. أشكال نساء تجر إلى الحثام المعطر بماء الورد والصابون الأسود وزيت الأرجان. لكن كل هذا لم يكن سوى وهماً. فاليوم حيث يستريح الطوار "كالسادا" هناك من يرسم بالحذاء على يدين مضيتين لا تعرفان القشوش باللون النبلي المستخدمة من قبل النساء البربريات اللاتي تواجدن هنا. اللاتي يعدن إلى هنا في هذا الخداع للزمن والروائع والخطوط المخددة، خداع يتم فيه بعث كل شيء ما عدا البروغ المرهف لبتلات شجرة اللوز.



مَارْتَلَة، البرتغال | MÉRTOLA, PORTUGAL

*esta é a casa. a sombra fresca da viagem*  
que todos os dias encetamos. mesmo quando feita  
com a ausência do caminhar. até ela vêm os amigos,  
trazendo cartas, cartulários, placas de cobre e de  
barro seco pelo sol onde estão gravados todos os  
mares, todos os rios, todas as montanhas de lava  
incandescente que nos alimentam. esta é a casa.  
o gesto da chegada, a resignação da partida, o abraço  
que significa estar. mesmo na ausência. esta é a casa.  
telha mourisca, caniço, pinho e estava nos tetos. um  
tronco de sobre segura a chaminé trémula da chama  
projetada contra a parede. a silhueta do gato  
adormecido entre os troncos apagados da azinheira  
e de alguns ramos de oliveira. esta é a casa. o porto  
de um corpo viajante subindo vales verdejantes até  
às planícies incendiadas onde homens, cáfilas,  
correntes de línguas desconhecidas, reconhecem  
em cada estrela o regresso a essa casa. regressados  
da amalgama das cidades, reconhecendo o telhado  
ondulado pelo vento inebriante que nos traz o único

ondular fresco que nos chega da fragilidade da  
espuma do mar. esta é a casa. a minha casa, a tua  
casa. na mesa da cozinha uma cesta de laranjas,  
limas, limões, pêssegos, ameixas, o pão alvo, a  
manteiga de ovelha. escorre-me o mel lento entre  
os dedos. cada homem precisa de ter uma casa onde  
regressar. onde cada objeto, cada peça, cada palavra,  
tem o seu espaço. a roupa lavada, os lençóis de linho,  
as toalhas de pano cru corados na ervagem que  
irrompe viril no campo do pé de casa. portas de  
castanho, ferragens douradas, arcos de pele de cabra  
onde os pequenos sacos de alfazema inflamam  
odores de infância. esta é a casa feita de todas  
as memórias que perpassam as paredes caiadas,  
as barras de anil, as sanefas floridas. esta é a casa  
de onde saio fechando as portas e olhando de soslaio  
uma gaiola vazia, antes inundada pelo cantar  
de um melro. esta é a casa onde deixo de caminhar  
inebriado por sentir o eco da pergunta: de quem  
é esta casa?

هذا هو البيت. الظل المنعش للسفر الذي يقوم به كل يوم حتى وإن كان بدون مسير. إلى البيت يأتي الأصدقاء حاملين معهم رسائل وسجلات وألواح من النحاس والفخار الذي جففته الشمس، منقوش عليها جميع البحار والأنهار وجبال الحمم المتوهجة التي تغذيها. هذا هو البيت. الحركة عند الوصول، التسليم بالرحيل والعناق الذي يعمي البقاء. حتى في الغياب، هذا هو البيت، أجرة إسلامية، خيزران، صنوبر، قريضة عنبرية في الأسقف. ساق السنديان القلبي تسند المدخنة المرتفعة من الشعلة المتجهة صوب الجدار. صورة القبط الناعس بين سيقان السنديان الأخضر الباهت وبعض غصون الزيتون. هذا هو البيت. مرفأ جسم مسافر، يصعد أودية مخضرة إلى سهول متوهجة، فيها رجال وقوافل وتيارات من اللغات غير المعروفة، يسترشدون بكل نجمة في الرجوع إلى هذا البيت. يرجعون من زحام المدن ويعترفون على السقف الممتوج بفعل الرياح المشكرة التي تجلب لنا المصوح المنعش الوحيد الذي يصل إلينا من ضعف زبد البحر. هذا هو البيت. بيتي. بيثك. فوق مائدة المطبخ سلة من البرتقال واللّيم والليمون والخوخ والبرقوق والخبز الأبيض وزبد النعجة. ينساب العسل بطينا بين أصابعي. كل انسان بحاجة إلى بيت به مكان لكل شيء، لكل قطعة، لكل كلمة. الملابس المغسولة، الفلاءات المصنوعة من الكتان، المناشف من القماش الخشن الموضوعة وسط الأعشاب التي تبرز بغزارة في الحقل المجاور للبيت. أبواب الكستناء، الآلات الحديدية المذهبة، الصناديق المصنوعة من جلد الماعز، أكياس الخزامي الصغيرة التي تلهب شذى الطفولة. هذا هو البيت المصنوع من كل الحكايات التي تمر بجانب الجدران المكسوة بالكلس، والألواح ذات اللون اليلبي والأفاريز المزهرة التي تغطي أعلى ستائر النوافذ. هذا هو البيت الذي أخرج منه وأغلق الأبواب ناظراً بانحراف إلى قبض فارغ كان في السابق غارقاً بتغريد طائر الشعور. هذا هو البيت حيث أتراجع عن السير ثلما حتى أستمع إلى صدى السؤال: لمن هذا البيت؟





*há uma tijoleira vazia de passos*, que pouco a pouco se põe a descoberto. há o que resta de um fogo, entre cinzas e carvões. há uma roca quebrada de osso e um dado gasto pelo vai e vem de mãos inquietas. há a ausência de um pasmo de criança encostado ao canto do pátio e o andar incansável e silencioso da mãe, do qual apenas se vê a baldosa por si gasta no amassar do pão. há um pequeno tanque de tijolo vermelho a limitar um punhado de terra onde cresceram coentros, manjerico, três folhas de menta para aquecer a manhã. há uns restos de uma quarta espalhados pela memória de um tempo adormecido, de um chão reinventado no olhar taciturno de quem o desvenda infalível, mas sem conhecer o sabor da água. pouco a pouco, como que renascendo do contar de Heródoto ou Tucídides, toda a casa ganha forma, vozes, cheiros, movimentos. o homem de olhar grave traz duas mãos de terra, colherins, pinceis de piaçaba, reavivando assim aresta a aresta, vértice a vértice, a casa de um ontem infinito. aí se recolhem sementes microscópicas, se tiram pedras, tijolos, baldosas...

aí se ressuscita o olhar adormecido do pescador reparando as redes, esperando a voltas da maré. do pó da terra, da pedra assente em terra sobre o muro, do adobe de terra fragmentado com que se reconstrói a casa, a memória, o afeto dos homens. que ausência foi chorada neste pátio? que nome de mulher invocado? que deslizar de pente trouxe mais brilho a uns cabelos azeviche? que incendiados mãos tocaram sôfregas a recordação da noite? cada fragmento é apenas suposição. uma hipótese. uma dúvida que se levanta. a única certeza é de que esta é a casa. o sítio de um momento a que chamamos casa. aqui cheguei. daqui parti. aqui construí o regresso de todos os dias. quatro paredes vestidas de branco, de um tempo todo ele interminável e que se repete desde a mais distante das manhãs. mas sendo a ruína é também a história e as estórias que reinvento para me perguntar se assim vivi, se assim me reconheço neste tijolo, neste adobe caído, neste tabique de estuques cor de vinho, nesta talha de bordo perfurado onde escorreu o mel suficiente para me alimentar.

قطع بلاط خالية من الخطوات، تكشف رويدا رويدا. بقايا رماد وقطع من الفحم. مغزّل متكسر من العظم. يزد طاولة مُستهلِك من تكرار ذهاب وإياب الأيدي المتوترة. ليس ثمة ما يشير إلى انهيار طفل متكى على جانب البهو ولا إلى سير أقدام الأم المستمر والصامت، لا يرى من ذلك سوى اللوح الحجري الذي تلي في عجن الخبز. يوجد حوض ماء صغير من الفرويد الأحمر على حافة قطعة أرض صغيرة نمتّ فيها الكزبرة والحبق وثلاث ورقات من البعاج لبثّ الدفء في الصباح. توجد بقايا وعاء نثرتها ذاكراً زمن ناعس، وبقايا من أرضية بيتٍ قد أعيد تركيبها في النظرة الصامتة لمن يزيل العصبية عن عينيه بلا أخطاء، لكن دون أن يعرف طعم الماء. رويدا رويدا وكأنه يولد من حكي هيروديت أو نوسيديدس، يشعر البيت في اكتساب هيئة وأصوات وروائح وحركات. يُحضر الرجل ذو النظرة المتجهمة قليلا من التربة والمجارف والمكانس ويعيد الحياة لبيت الأمس اللانهاهي ضلعا ضلعا، نقطة نقطة؛ هناك تُجمَع بذور متناهية الصغر وتُبرَع أحجار وقطع من الآجر والواح العجن الحجرية. هناك تُعبَث نظرة الصياد الناعسة وهو يرمم شبّاكه منتظرا عودة المد والجزر. نظرة تراب الأرض والحجرة المركزة على طين فوق الجدار والطوب اللبن المجزأ الذي به يُعاد بناء البيت والذاكرة ومشاعر الرجال. كم من غياب قد بكى عليه في هذا البهو؟ أي إسم لامرأة قد ذُكر هنا؟ أي نسيابٍ لمشيظ قد جلب مزيداً من البريق إلى الشعر الأسود الفاحم؟ أي أيادٍ ملهية قد لمست بينهم ذكريات الليل؟ كل جزئية من هذا ليس سوى مجرد افتراض، احتمال، شكٌّ يُثار. والأمر اليقيني الوحيد هو أن هذا هو البيت. مكان لحظة تسميه "البيت". هنا قد وصلتُ. ومن هنا رحلتُ. هنا سيُدث رجوع كل يوم. أربعة جدران مكتسية باللون الأبيض، من زمن لا ينتهي ويتكرر منذ أول صباح. ولما كانت الأطلال تاريخاً أيضاً والحكايات التي أعيدها بانها لأسأل نفسي عما إذا كنت قد عشت هكذا، وعما إذا كنتُ أتعرفُ على ذاتي في هذا الآخرة، في هذا الطوب المتهوي، في هذا الحائط الهش ذي الجصّ بلون البيد، في هذه الجرة ذات الحافة المثقوبة التي تدفّق منها عسلٌ كان كافياً لإطعامي.



مارتلة، اللقاء المتجدد بين ثلاث انطباعات لثلاثة أصدقاء دائمي التواصل. في هذا الميناء للثقافات القديمة ولأشخاصٍ لانهايين ولكل المحطات، في هذا الركن من البحر الذي تُحتضن اليابسة بداخله، في بلدة مارتلة بذاكرتها السحيقة لأفرادٍ من الجنوب الغربي "سُودويشت"، هنا يجمعهم اللقاء المتجدد، وقد أحضروا معهم "البيت" كداعٍ لهذا الالتقاء، إذ يتمثل هدف هذا الإصدار الصغير في كونه وسيلة يعبرون بها عن رؤيتهم للأرض التي احتضنتهم موفون بعهدهم معها لأن الوعد دُيّن.

وُلد سانتياغو ماسياش في بلدة مورا وهو ينقل من خلال التصوير الفوتوغرافي جوانب من اللقاء المتجدد في البلدة /المتحف بهذا البحر المتوسط الذي أصبحت تنتمي إليه بعد أن شهد مولدها ، ويقدم صوراً لرحلات إنقُطت خلال السنوات الخمسة الأخيرة وتتخذ من ثقافة البحر المتوسط أو ما بعث منها في محطات أخرى نجيلها أو نعرفها خلفيةً، لها.

مانويل باسينياش، رجل من بلدة باجة، يعيد خلق رؤيته للبيت، البيت الأثري، البيت . الجبل المهجور، البيت . الجسر، البيت مكان لقاء الأشخاص، البيت ذو الجدران المصنوعة من الحجارة والجص والطوب والنفاصيل الدقيقة للحركات والأفعال التي يتميز بها جنوب أبيض، جنوب من الكلس، جنوب هائل.

ميغيل ريفو، من لشبونة، المتبعد، يحاول في نصوصه استحضار الأصوات والروائح وضباب حكاياتٍ حول البيت والبلدة والبحر والزمن الذي هو كل الأزمنة. كل هذا ليس سوى لقاء يتم الاحتفاء به بثلاث طرق مختلفة من طرف ثلاثة أصدقاء بدأت صداقتهم على وجه الدقة منذ ثلاثين عاما.





بولاما، غينيا بيساو | BOLAMA, GUINÉ-BISSAU

يسعدني جدا إضافة بضع كلمات لهذا العمل الهام والجريء، إذ يتضمن ثلاث انطباعات لمسافرين أصبحوا منذ زمنٍ غابر أبناء هذه المدينة. ثلاث رؤى تتّحد لتكامل. هي صور من الجغرافيا البشرية للجنوب، الجنوب المتوسطي. ومن الصعوبة التي لا ريب فيها أن نجد امتزاجا آخر أكثر ملائمةً بين المكان والمناسبة لتقديم هذا العمل من بلدة مارتلة، في مهرجانها الإسلامي الذي تحتفل فيه بموروثها المتعدد الثقافات.

ساندرا غونسالفيش

المجلس البلدي لمدينة مارتلة

بُيُوتُ الْجُنُوبِ

تصوير: سانتياغو ماسياش

رسم: مانويل باسينياش

نصوص: ميغيل زيفو

تصميم جرافيك: ت ف م ديزاينرز

الترجمة إلى اللغة العربية: بدر حسين

التجهيز للطباعة والطباعة والتنضيب: جرافيكما مايا دورو

إصدار: المجلس البلدي لمدينة مارتلة، 2013.

عدد النسخ: 1000 نسخة

ردمك: 978-989-8640-01-7

رقم الإيداع: 00000000







بُيُوتُ الْجَنُوبِ





بُيُوتُ الْجَنُوبِ